



Agricultura Familiar:

Pesquisa, Formação e Desenvolvimento

RAF. v.12 , nº 01 / jan-jun 2018, ISSN 1414-0810

A exposição Natureza Exótica: Aspectos do acervo de Alexandre Rodrigues Ferreira na Universidade de Coimbra

The Exotic Nature exhibition: Philosophical journeys and aspects of the Alexandre Rodrigues Ferreira collection at the University of Coimbra

Pedro Júlio Enrech Casaleiro, Doutor, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, pcasaleiro@museudaciencia.org;

Helena Maria Martins Costa Pereira, Mestre em Museologia, Universidade de São Paulo, hm.mpereira@gmail.com

Resumo

Uma das principais coleções fundadoras do Museu da Universidade de Coimbra foi incorporada através da remessa enviada de Lisboa em 1806, pelas mãos de Alexandre Rodrigues Ferreira. Proveniente do Real Museu da Ajuda veio enriquecer o acervo museológico em espécimes oriundos do Brasil. A exposição Natureza Exótica apresenta uma parte deste espólio através da construção de uma narrativa centrada nas Viagens Filosóficas da Coroa portuguesa no final do século XVIII. Contempla a preparação das Viagens na Casa do Risco e no Real Museu e os caminhos percorridos em cada uma das regiões pelos naturalistas, jardineiros e riscadores: Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique e Goa.

Palavras-chave

Viagens filosóficas, séc. XVIII, Amazônia, história natural, coleções.

Abstract

One of the main foundational collections of the Museum of the University of Coimbra was incorporated by transfer sent from Lisbon in 1806, by the hands of Alexandre Rodrigues Ferreira himself. Originating in the Royal Museum of Ajuda it contributed to the enrichment of the collection especially in Brazilian specimens. The exhibition Exotic Nature presents a selection of these materials as part of a narrative centred on the Philosophical Voyages of the Portuguese Crown made in the end of the 18th century. It involves the preparation of the Voyages in the Casa do Risco (Drawing Office) and in the Royal Museum, and the routes taken by the naturalists, gardeners, and draftsmen in: Cape-Vert, Brazil, Angola, Mozambique and Goa.

Keywords

Philosophical journeys, 18th C, Amazonia, natural history, collection.

As coleções fundadoras do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

A coleção de história natural do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra foi fundada em 1772 por Domingos Vandelli (1735-1816), diretor do Museu e Professor de História Natural, através de oferta à Universidade. O acervo havia sido reunido em Lisboa, no Real Jardim Botânico da Ajuda, desde a sua chegada a Portugal em 1764, até ao momento em que foi convidado para a Universidade de Coimbra pelo Marquês de Pombal em 1772. Ao espólio, que serviu para ilustrar as Lições de História Natural nos primeiros anos da recém-criada Faculdade de Filosofia, juntou-se em 1774 a coleção Van Deck. Um legado de Joseph Rollem Van Deck, Capitão de Mar e Guerra de D. José e colecionador privado amigo de Domingos Vandelli. A terceira coleção a associar-se chega em 1775. Trata-se do acervo do Museu que Vandelli havia constituído em Pádua entre 1757 e 1763, vendido à Universidade por 10.000 cruzados (CRUZ, 1976, BRIGOLA, 2003).

A coleção coligida por Vandelli em Lisboa continha uma boa diversidade de animais (cerca de 185 referências a géneros ou espécies de mamíferos, aves, anfíbios, répteis, peixes, moluscos, corais, esponjas e 16 cápsulas de vidro com insetos, não referenciados), 2.000 plantas em herbário e partes de plantas e frutos (sem referência de espécies), 47 espécies de rochas, minerais e fósseis. A maioria dos exemplares eram europeus mas incluía bastantes exemplares africanos e brasileiros (tatu, arara, tucano, jabuti, cascavel, anaconda, entre outros) (VANDELLI, 1777).

A coleção Van Deck era composta por conchas e produções naturais de Goa (corais, gorgónias, gastrópodes, bivalves, crustáceos, peixes, répteis, aves, mamíferos, insetos, madeiras, plantas, ervas, raízes e frutos medicinais, rochas, pedra de bezoar, e pequenas pérolas da Barra de Mormugão na embocadura do rio Zaira) (MENEZES, 1771).

O Museu Vandelli continha um acervo distribuído por vinte e oito armários na sua maioria com espécimes de mineralogia e geologia, quinze, e nove de fósseis animais e vegetais, animais marinhos e terrestres, preparações anatómicas, ossos e monstros. Dois encerravam um herbário, partes de plantas e frutos, resinas, bálsamos, gomas e o último

com antiguidades. Exemplares recolhidos pelo próprio e por amigos, provenientes das regiões centro, norte e mares de Itália, Grécia, França e Alemanha, assim como espécimes africanos (VANDELLI, 1768).

Novas incorporações sucedem-se através das primeiras viagens filosóficas no país, para recolha de espécimes. As viagens foram deliberadas pela Congregação da Universidade, em junho de 1779, presidida pelo Bispo Reitor D. Francisco de Lemos. O respectivo plano devia ser organizado por Domingos Vandelli e António Dalla Bella para realizar as primeiras viagens à Serra da Estrela e ao Gerês. As expedições em solo nacional constituíram o embrião das Viagens Filosóficas às Colónias que decorreram na década seguinte (LEMOS, 1779).

A coleção do Museu de Coimbra só assistiu ao incremento de exemplares exóticos, em especial sul-americanos, mas também africanos e asiáticos, por ocasião da remessa enviada pelo Real Museu da Ajuda em 1806, supervisionada por Alexandre Rodrigues Ferreira na qualidade de diretor interino deste Museu (REAL MUSEU, 1806). O envio de cerca de 1.950 produções dos três reinos da natureza e produtos industriais, o que hoje designamos por etnográficos, constitui a maior amostra transversal do Real Museu da Ajuda atualmente em Portugal e é na sua grande maioria constituída por exemplares brasileiros.

O documento desta remessa terá sido preparado no Real Museu por diferentes funcionários pois distinguem-se duas formas de organização: as listas de zoologia e geologia (doc. 26), e as de botânica e etnografia (doc. 26^a) (REAL MUSEU, 1806). As primeiras, semelhantes, surgem em formato de listagem de exemplares. Enquanto a lista zoológica indica o número, os géneros e espécies lineanas, e raramente indica a sua origem; a lista mineralógica refere quase sempre a proveniência dos exemplares. As listas de etnografia e botânica, esta última cinco vezes mais longa, para além do número, designação e proveniência dos espécimes, incluem textos descritivos e narrativos com informação pormenorizada e comentada, algumas vezes com notas do próprio naturalista, Alexandre Rodrigues Ferreira. O texto dos produtos industriais ou etnográficos foi publicado e comentado por AREIA *et al*, 1991 e em FERRÃO & SOARES (2005).

Se considerarmos os dados do inventário da Ajuda, realizado por Alexandre Rodrigues Ferreira em novembro de 1794 (FERREIRA, 1794 in BRIGOLA, 2003), correspondente a um dos momentos mais altos do Museu quanto à receção de remessas vindas das viagens filosóficas - são referidos cerca de 26.000 exemplares, sem contabilizar 173 caixotes com materiais geológicos - o conjunto transferido para Coimbra corresponde a cerca de 7,4% do acervo do museu lisboeta. A representação do ponto de vista dos exemplares é não equilibrada sendo as amostras de espécimes etnográficos (12,2%) e zoológicos (9,5%), as mais representativas. Dos exemplares zoológicos enviados encontra-se uma distribuição que favorece a representação das conchas e dos mamíferos em particular (Tab. 1 e Tab. 2).

Tabela 1 – Número e percentagem de produtos da Remessa de 1806 em relação ao inventário do Real Museu da Ajuda em 1794 (REAL MUSEU, 1806; FERREIRA, 1794 in BRIGOLA, 2003).

PRODUTOS	Real Museu, 1794	Remessa, 1806	%
Animais	7.893	750	9,5
Plantas (sementes e partes)	8.328	283	3,4
Pedras, fósseis, minerais	6.552	500	7,6
Etnografia	3.412	416	12,2
TOTAL	26.185	1.949	7,4

Tabela 2 – Número e percentagem de produtos Zoológicos da Remessa de 1806 em relação ao inventário do Real Museu da Ajuda em 1794 (REAL MUSEU, 1806; FERREIRA, 1794 in BRIGOLA, 2003).

ZOOLOGIA	Real Museu, 1794	Remessa, 1806	%
Mamíferos	196	21	10,7
Aves	1.250	67	5,4
Anfíbios	601	25	4,2
Peixes	1.230	62	5,0
Insetos	282	12	4,3
Vermes	161	13	8,1
Conchas	4.173	550	13,2
TOTAL	7.893	750	9,5

A exposição Natureza Exótica

Partindo deste pressuposto e para homenagear Alexandre Rodrigues Ferreira no bicentenário da sua morte, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra organizou a exposição temporária “Natureza exótica: Viagens filosóficas de naturalistas”, que faz a síntese das quatro viagens arquitetadas pelo iluminismo português, mostrando os percursos, as ilustrações, e um conjunto de objectos originais e outros evocativos destas empresas. Escolheu como ícone da natureza exótica o guará ou íbis escarlate representado por quatro espécimes, três dos quais da coleção antiga (Fig. 1).

A exposição, que incorpora 213 espécimes, 100 ilustrações, 19 documentos e 11 livros das coleções da Universidade de Coimbra, divide-se em dois momentos: a preparação das viagens, e as viagens propriamente ditas. O discurso expositivo contrapõe objectos das quatro áreas através da justaposição de exemplares, ilustrações e documentos, construindo uma narrativa da diversidade da cultura material no registo da filosofia natural. Salienta-se a exposição, pela primeira vez, de dez espécimes do Herbário de Peixes do Brasil, um dos acervos mais raros e únicos das coleções setecentistas do Museu de Coimbra (CASALEIRO *et al.*, 2011), atribuído à fase inicial da viagem filosófica ao Brasil (Fig. 2).

Enquadrada na Semana Cultural da Universidade de Coimbra em 2015, o Museu estabeleceu parcerias com o Museu Nacional de História Natural e Ciência (MHUNAC) de Lisboa (FELISMINO, 2014) e o Arquivo Ultramarino de Lisboa (ROQUE; TORRÃO, 2013, 2014), que disponibilizaram digitalizações do acervo documental e ilustrações. Segue-se a síntese que constitui a narrativa da exposição.

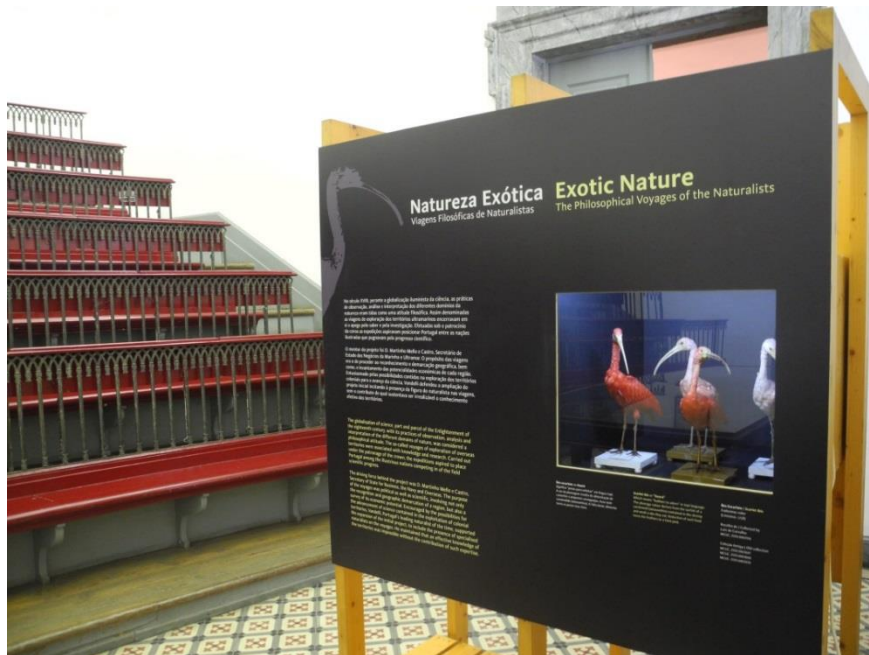


Fig. 1 A exposição “Natureza exótica”. Quatro exemplares de guará ou íbis escarlate, três pertencem à coleção antiga (*Eudocimus ruber*, Linnaeus, 1758), MCUC-ZOO. 0003600, MCUC-ZOO.0003601, MCUC-ZOO. 0003595, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.



Fig. 2 “Garoupa ou Piraumbú”, preservado em herbário. Herbário de peixes do Brasil. Cherne-amarelo, *Hyporthodus flavolimbatus* (Poey, 1865), MCUC-ZOO.0000004, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Viagens Filosóficas de naturalistas no século XVIII

No século XVIII, as práticas de observação, análise e interpretação dos diferentes domínios da natureza eram tidas como uma atitude filosófica, assim denominadas as viagens de exploração dos territórios ultramarinos encerravam em si o apego pelo saber e pela investigação (CARVALHO, 1987, 86). Efetuadas sob o patrocínio da coroa as expedições aspiravam posicionar Portugal entre as nações ilustradas que pugnavam pelo progresso científico.

O ideólogo do projeto foi D. Martinho Mello e Castro, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, e tinham o propósito de proceder ao reconhecimento e demarcações geográficas, bem como, o levantamento das potencialidades económicas de cada região. Entusiasmado pelas possibilidades contidas na exploração dos territórios coloniais para o avanço das ciências, Vandelli empenhou-se na ampliação do projeto inicial incitando à presença da figura do naturalista nas viagens, sem o contributo do qual sustentava ser irrealizável o conhecimento efetivo dos territórios (CRUZ, 2002, 69).

Domingos Vandelli veio para Portugal integrado num grupo de lentes italianos convidados a lecionar no Real Colégio dos Nobres. Frustrada a iniciativa de requalificação científica da nobreza portuguesa abandonou o país (CARVALHO, 1987, 49), regressando em 1768 para fundar o Jardim Botânico da Ajuda.

Em 1772, a convite do Marquês de Pombal, transferiu-se para Coimbra a fim de colaborar na reforma dos Estudos da Universidade. Na recém-criada Faculdade de Filosofia, da qual foi também diretor, ensinou as cadeiras de Química e História Natural. No anseio de promover o incremento da cultura científica abraçou vários projetos, instituiu o Laboratório Químico, colaborou na conceção do Jardim Botânico e estabeleceu o núcleo primitivo do Museu de História Natural da Universidade (MUNTEAL FILHO, 1993, 57,58).

Distinguido académico na área da Filosofia Natural, manteve correspondência com eminentes cientistas da época. De entre esses cite-se Lineu, que na demanda do colossal empreendimento de classificação do mundo vivo enviou discípulos a todos os cantos do planeta. Entre as colónias portuguesas, o Brasil era a mais cobiçada. Para

conseguir espécimes exóticos, Lineu instigou Vandelli (1788, 80-83) a promover estudos científicos de História Natural em Portugal e nos territórios ultramarinos.

Mentor das viagens filosóficas considerava-as estratégicas para o fomento económico do país, defendendo que as expedições constituíam a oportunidade de aprofundar os conhecimentos do mundo natural daquelas regiões e em simultâneo o modo mais célere para dotar de coleções científicas os museus e jardins botânicos da Ajuda e de Coimbra. O professor, coadjuvado por Mattiazzi, Jardineiro da Ajuda, envolveu-se pertinazmente na sua organização e gestão delineando um amplo plano de ação, habilitou a equipa de naturalistas e procedeu ao planeamento de toda a logística envolvida no processo (FIGUEIRÔA, 2004, 717)

Eleitos a participar da expedição compartilharam não apenas a proveniência e a formação comuns, mas um percurso de vida muito semelhante. De origem brasileira vieram estudar para a metrópole, na recém-reformada Universidade de Coimbra. Depois de concluírem os estudos foram convidados por Vandelli a colaborar na organização das coleções de História Natural do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. No tempo de aprendizagem realizaram viagens de estudo em solo nacional, prepararam e recolheram materiais, redigiram manuais para auxílio dos trabalhos além-mar, e participaram ativamente na organização da grande Expedição de História Natural ao Pará.

Gorado o ambicioso projeto, a viagem foi desarticulada em quatro destinos diferentes (PATACA; PINHEIRO, 2005, 65, 66). No continente americano a exploração do Brasil permaneceu sob a alçada de Alexandre Rodrigues Ferreira, as viagens em África foram conduzidas por João Feijó, a Cabo Verde, Joaquim José da Silva, a Angola, e Manuel Galvão da Silva, que antes de atingir Moçambique, percorreu na região asiática o território goês.

Em solo ultramarino, a personalidade do governador-geral era quem dirigia as viagens do ponto de vista logístico, estabelecendo a data em que teriam lugar e indicando os locais a visitar (SIMON, 1983, 81). Não obstante o criterioso planeamento, os impedimentos com que se defrontaram na execução dos trabalhos foram consideráveis. Assaz frequentes eram os relatos de conflitos com as autoridades locais e tribais, a sujeição a condições climatéricas locais e sazonais instáveis e extremas e as doenças

infeciosas reiteradas. A este cenário acrescenta-se as dificuldades materiais experimentadas, como a falta de auxiliares para as coletas, a falta de apetrechos para a recolha, a preparação e o transporte das produções naturais (ROQUE; TORRÃO, 2013: 16, 17).

Durante a sua permanência os naturalistas mantiveram o contacto mais ou menos assíduo com a metrópole através do envio de correspondência e de remessas de produtos e espécimes para Lisboa.

As Viagens Filosóficas e os ilustradores da Casa do Risco

Acompanhava as Viagens Filosóficas com o objetivo de ilustrar e complementar as descrições de História Natural elaboradas pelo naturalista, uma equipa de desenhadores. Os nomes escolhidos em 1783 para embarcar na exploração dos domínios ultramarinos foram José Freire e Joaquim Codina para o Brasil, Ângelo Donati e António José para Angola e António Gomes para Moçambique.

A maioria dos desenhadores-naturalistas adquiria formação na Casa do Risco, estabelecimento anexo ao Jardim da Ajuda fundado em 1768. Na origem da instituição, criada com a incumbência de proceder ao risco do Jardim, estiveram homens experientes provenientes do Arsenal Real do Exército (FARIA, 2001, apud PATACA, 2003, 27). Cumprido o primeiro objetivo, a Casa converteu-se no laboratório de ensaio e de preparação das expedições ultramarinas (Fig. 3).

Além da habilidade em desenho e pintura, era requerido aos debuxadores conhecimentos elementares de história natural. Do adestramento destes especialistas fazia parte, entre outras tarefas, o desenho de espécies vegetais presentes no Jardim e de espécimes botânicos, zoológicos e mineralógicos remetidos para Lisboa por correspondentes (PATACA, 2003, 983).

No campo, os desenhadores obedeciam a instruções previamente estabelecidas. As representações incluíam, além do registo gráfico de espécies dos três reinos, desenhos topográficos, apontamentos hidrográficos, vistas de vilas e cidades.

A profusão de desenhos realizados durante as viagens destinava-se à execução de gravuras, para ilustração da ambiciosa e malograda obra de História Natural das Colónias portuguesas (FARIA, 1996, VII), entretanto dispersos por várias publicações. Do conjunto das ilustrações chegadas a nós assinala-se a perícia do traço, o acentuado naturalismo e o rigor dos detalhes. A delicadeza das figurações não denuncia, porém, as condições em que foram concretizadas, é imperioso lembrar que ilustradores e naturalistas na sua ânsia mostrarem “novos mundos ao mundo” tiveram de percorrer caminhos tortuosos, atravessando montanhas, rios e vales, sujeitos a inclemências climáticas e a perseguições de homens e animais.



Fig. 3 A Preparação das Viagens Filosóficas, no Gabinete de História Natural do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Joaquim José da Silva - Angola

A viagem filosófica angolana foi confiada ao carioca Joaquim José da Silva, bacharel em Medicina e Matemática. Em 1783 embarcou, acompanhado dos assistentes Ângelo Donati e José António, com a missão de observar e relatar tudo o que respeitasse ao domínio da História Natural da região.

Depois de Luanda, Cabinda, Benguela, Silva arrojou-se pelo interior do território até ao Cabo Negro. Das expedições que empreendeu resultaram remessas frequentes de produtos naturais dos três reinos, bem como, pormenorizadas descrições dos povos visitados e dos respetivos costumes

“Cheguei a Quilengues em meio de setembro do ano de 1785, com 22 dias de viagem. E por este sítio nos demorámos até novembro, tive tempo de notar perguntar e saber muitas coisas pertencentes à religião, governo, costumes e ritos destes bárbaros”(SILVA, 1813, 94).

O esmero com que procurou desempenhar a função de naturalista não impediu que esta fosse amiúde descontinuada, devido não apenas às obrigações de secretário do Governo, para as quais fora também designado, mas igualmente pelos incessantes transtornos provocados por numerosas contingências, dentre as quais a privação dos seus auxiliares (GOUVEIA, 1991, 89).

Os serviços à coroa portuguesa foram finalmente recompensados em 1806, com a atribuição de uma pensão e o Hábito da Ordem de Cristo. Contrariamente ao seu desejo de retornar ao Brasil conservou-se no território até ao final sua vida, em 1808, ocupando cargos na administração central.

Cabo Verde e João da Silva Feijó

Partiu em 1783, sem assistentes, com a incumbência de proceder à identificação dos recursos naturais e à avaliação do potencial para efeitos de exploração económica do arquipélago.

Os primeiros tempos do naturalista foram passados a percorrer as várias ilhas. Em 1786, regressou à Ilha do Fogo, após a erupção vulcânica, onde se demorou cerca de um ano dedicando-se ao trabalho exaustivo de descrição física, identificação e recolha de materiais.

“O pico vulcânico da Ilha do fogo, que há 12 anos estava como extinto, acaba ultimamente de fazer nova irrupção em o dia 24 de janeiro próximo passado de 1785 (...). Durou esta irrupção 32 dias sucessivos até 25 de fevereiro sendo a sua força nos primeiros 7 dias e até hoje [20 de julho de 1786] ainda continua o fogo (...)” (FEIJÓ, 2013).

A partir de 1789, estabeleceu-se em Santiago, mantendo no entanto visitas regulares às outras ilhas, com o envio de remessas para Lisboa de produções de diversa natureza, mineralogia, botânica e zoologia, complementadas por informações de caráter antropológico, geográfico, entre outros.

Os cerca de 13 anos que permaneceu em território cabo-verdiano foram marcados pelo sobressalto e pela instabilidade. Revelam-no as quezílias constantes com as autoridades locais, cujo poder sentiam ameaçado pela presença do enviado do governo central, e as suas queixas pelas dificuldades em assegurar a subsistência da família em Lisboa (PEREIRA, 2002, 50).

Feijó foi, dos quatro naturalistas enviados nestas expedições científicas, o que viu o maior número de ensaios publicados, contribuindo desse modo a dilatação do conhecimento do espaço natural ultramarino (ROQUE; TORRÃO, 2013, 22) (Fig. 4).



Fig. 4 As Viagens Filosóficas a Cabo Verde e Moçambique e Goa. Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Manuel Galvão da Silva - Goa e Moçambique

De origem Baiana, rumou em 1783 a Moçambique, juntamente com o desenhador António Gomes e o jardineiro José da Costa. Antes de aportar no seu destino, deteve-se cerca de dois meses em Goa, procedendo à observação e recolha da fauna, flora e minerais na região, tendo elaborado um herbário.

“As plantas, que tenho numerado, não me envergonho de dizer, já antes as conhecia, ou que são aquelas que menos trabalho dão a conhecer [...] A três plantas somente, que digo são novas. Dei nome e de propósito o fiz, até não consultar os naturalistas, que têm tratado da Ásia(...)” (SILVA, 1862, 37, 38)

Em Moçambique, desvalido da ajuda dos seus assistentes e sobrecarregado com as obrigações de Secretário do Governador, para as quais fora também incumbido, não deixou de cumprir o seu trabalho enquanto naturalista. Adaptando-se às circunstâncias e aos recursos disponíveis, Manuel Galvão concentrou-se preferencialmente na coleta e na observação dos recursos minerais existentes nas regiões visitadas, tendo ficado também responsável pelo risco das respetivas “cartas geográfica e mineralógica das regiões atravessadas” (Botelho, 1923-24, 167)

Entre as viagens empreendidas no território destacam-se as expedições a Rios de Sena no vale do Rio Zambeze, onde avançou para o interior do território e explorou a região do Tete-Cabrabaca Maxinga-Chicorongó, até Manica, das quais fez o relato circunstanciado nos seus Diários, e procedeu à descrição das recolhas feitas, das potencialidades e das peripécias vividas nas suas pesquisas (Fig. 4).

Alexandre Rodrigues Ferreira no Brasil

Incumbido de realizar a História Natural do imenso Brasil, Alexandre Ferreira partiu de Lisboa em 1783, acompanhado pelos “riscadores” José Joaquim Freire e Joaquim José Codina e o jardineiro Agostinho Joaquim do Cabo.

A missão de percorrer o Amazonas e explorar os seus afluentes e as povoações limítrofes ficou adiada nos primeiros tempos, dedicando-se a curtas deslocações e ao

exame de algumas culturas. A grande expedição começou em setembro de 1784 pelo Rio Negro. Pesquisou os seus afluentes, passou por Barcelos, por São José de Morabitano e entrou pelo Rio Branco. Regressado ao Amazonas, desceu o Rio Madeira, Porto Velho e Cuibá, na região de Mato Grosso (Fig. 5).

Um périplo de mais de 39 000 km, cuja amplitude se encontra materializada nos relatos escritos, nas representações executadas a aguarela e nas abundantes coleções enviados para Museu da Ajuda (AREIA; MIRANDA; MARTINS, 2011, 173, 174).

“Ordenou-me Vossa Excelência, no 6 do ofício, que me dirigiu nesta vila, datado de 13 de agosto do ano próximo passado, que do estado presente da agricultura e do comércio, população e manufaturas das povoações que eu visitasse, informasse a Vossa Excelência segundo o que eu visse e entendesse (...) (FERREIRA, 1778, 83)

O mérito da façanha foi reconhecido pela Academia de Ciências de Lisboa que o elegeu como membro em 1780 (SIMON, 1983, 15). De regresso a Portugal, deu início à compilação do material expedido nas viagens, valendo-lhe a nomeação de vice-diretor do Real Gabinete de História Natural e do Jardim Botânico. Nessa condição procedeu ao envio, em 1806, de uma volumosa remessa de que veio enriquecer as coleções do Museu de Coimbra.

Em 1794, a coroa recompensou-o pelos seus serviços atribuindo-lhe uma tença e o Hábito da Ordem de Cristo. O saque das tropas francesas, em 1808, bem como, o ineditismo da obra científica deixaram em Alexandre Ferreira, até à data da sua morte em 23 de abril de 1815, uma mágoa profunda.

Independentemente dos reflexos desta realização para o adiantamento da ciência coeva, as viagens constituíram uma importante fonte de informação para as expedições subsequentes e tiveram um papel incontornável no incremento das coleções dos museus e jardins botânicos da Ajuda e Coimbra.



Fig. 5 Cúia feita pelas Índias de Barcelos e cúia cultivada no Jardim Botânico da Ajuda (*Crescentia cujete*, L.) MCUC-ANT.Br.194, MCUC-BOT.00984. Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

REFERÊNCIA

Fontes manuscritas

Lemos, F. (1779) *Apontamento da ata da Congregação da Faculdade de Filosofia de 2 jun. 1779, presidida por D. Francisco de Lemos, reitor da Universidade*, Universidade de Coimbra (F); Apontamentos das Congregações (DC); fragmentos, fl. 21, AUC- IV- 1.ªD-3-1-65, Manuscrito

Menezes, F. L. de (1771) *Relação das produções da natureza que Francisco Luís de Menezes ajuntou de Goa, e remete para Lisboa para o Museu do Senhor José Roland Van Deck. Goa, 12 de Fevereiro de 1771*, Museu Nacional na Academia Real das Ciências de Lisboa (1836-1858), MUHNAC-UL, AHMB, Rem. 382, Manuscrito

Real Museu (autor desconhecido), (1806) *Relação dos Productos naturaes e industriaes que deste Real Museu se remetterão para a Universidade de Coimbra em 1806*, Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (1768-1836), MUHNAC-UL, AHMUL, AHMB, ARF.26; 26a, Manuscrito

Vandelli, D. (1777) *Breve Relação do Museo d'Historia Natural, que o Dr. Domingos Vandelli tinha na Ajuda no Real Jardim Botânico, e de que no anno 1772 fiz presente a esta Universidade, e do qual se tem servido athe agora para as Lições de Historia Natural (15 de Março de 1777)*, AUC, Proc. Domingos Vandelli, nº 372, Manuscrito

Ferreira, A.R. (1794) *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaes, e Artificiaes, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de Historia Natural, Jardim Botânico, e suas Casas annexas (...) Tudo como nele se declara (8 de Novembro de 1794)*, NNRJ, Divisão de Manuscritos, I-21, 10/49-8-13, Manuscrito

Fontes bibliográficas

AREIA, Manuel Rodrigues L.; MIRANDA, Maria Arminda; MARTINS Maria do Rosário. Da Universidade De Coimbra ao Brasil: é muito o que nos une. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. 171-183.

AREIA, Manuel Rodrigues L.; MIRANDA, Maria Arminda; MARTINS Maria do Rosário. (Ed.) **Memória da Amazónia : testemunhos etnográficos da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, 1783-1792**, Catálogo, Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, 1991.

BOTELHO, J. Teixeira Subsídios para a História das Ciências Naturais em Portugal. O naturalista Manuel Galvão da Silva e as suas excursões científicas em Moçambique nos fins do século XVIII. **Boletim da Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Vol. XVIII., 1923-1924, 161-183.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003,

CARVALHO, Rómulo. *História natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, 39-59.

CASALEIRO, Pedro; RUFINO, Ana Cristina; HEITOR, Filipa; MOTA, Paulo Gama. Redescoberta da colecção ictiológica do séc. XVIII no Museu da Ciência, Universidade de Coimbra, Livro de Actas CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1006-1017.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 36, 2002, Editora UFPR, 62-98.

CRUZ, Lígia. Domingos Vandelli – alguns aspectos da sua actividade em Coimbra, *Sep. Bol. Arq. Univ. Coimbra*.

FARIA, Miguel Figueira de. **José Joaquim Freire (1760-1847), desenhador militar e de história natural. Arte, ciência e razão de Estado no final do Antigo Regime**. 1996. p. I-XI. Dissertação de Mestrado em História da Arte (não publicada) Universidade do Porto. 1996.

FELISMINO, David. **Saberes, Natureza e Poder, Coleções científicas da antiga Casa Real Portuguesa**, Museus da Universidade de Lisboa. 2014

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Diário da viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro em 1778**. 1778. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/60178621/Diario-da-Viagem-pela-Capitania-de-Sao-Jose-do-Rio-Negro-Parte01#scribd>. Acesso em 9 dez. 2014.

FEIJÓ, João da Silva. Memória sobre a nova irrupção vulcânica da Ilha do Fogo. 1786. Em: Ana Roque e Maria Manuel Torrão (coord.), **De Cabo Verde para Lisboa. Cartas e remessa científicas da expedição naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)**. Lisboa. I. I. Científica Tropical, 2013, Vol. 1.

FERRÃO, Cristina; SOARES, José Paulo Monteiro (eds.). **Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira: a expedição philosophica pelas Capitánias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. Coleção etnográfica**, Vol. II, Kapa Editorial, 2005.

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M.; SILVA, Clárete Paranhos da; PATACA, Ermelinda Moutinho. Aspectos mineralógicos das "Viagens Filosóficas" pelo território brasileiro na transição do século XVIII para o século XIX". **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**,

11(3), 713-729, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-59702004000300009. Acesso em 9 dez. 2014.

GOUVEIA, Henrique Coutinho. Aspectos das relações entre Portugal e Angola no domínio museológico –As viagens de exploração científica setecentistas. **III ENCONTRO DE MUSEUS DE PAÍSES E COMUNIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Bissau. ICOM. 77-118.1999 Disponível em: http://www.icom-portugal.org//multimedia/III%20-%20Encontro%20de%20Museus_reduzido.pdf. Acesso em 9 de fev. 2015.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. **Domenico Vandelli no anfiteatro da natureza: a cultura científica do reformismo ilustrado português na crise do antigo sistema colonial (1779-1808)**. 1993. p. 56-135. Dissertação de mestrado (não publicada), Departamento de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/teses/1993-MUNTEALFILHO_M_M.pdf. Acesso em 9 de dez. 2015.

PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v.3, n1, p.58-79, jan/jun. 2005. Disponível em: http://www.mast.br/arquivos_sbhc/26.pdf Acesso em 15 dez. 2014.

PATACA, Ermelinda Moutinho. A confecção de desenhos de peixes oceânicos das "Viagens philosophicas" (1783) ao Pará e à Angola". **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, vol.10, n.3, 2003. p. 979-991. ISSN 1678-4758. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702003000300009>. Acesso em 20 jan.2015.

PEREIRA, M. R. de Mello. Um jovem naturalista num ninho de cobras: a trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde, em finais do século XVIII. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 36, 2002, p. 29-60. Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/2688/2225>. Acesso em 29 dez. 2014.

ROQUE, A. e Torrão, M. “Um naturalista nas Ilhas de Cabo Verde: A circulação do conhecimento científico no século XVIII”. Em: Ana Roque e M^a Torrão (coord.), **De Cabo verde para Lisboa. Cartas e remessa científicas da expedição naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)**. Lisboa. I. I. Científica Tropical. Vol. 1, 2013.

ROQUE, Ana Cristina; TORRÃO, Maria Manuel. **De Cabo verde para Lisboa. Cartas e remessa científicas da expedição naturalista de João da Silva Feijó (1783-1796)**. Lisboa. I. I. Científica Tropical. Vol. 2, 2014.

SILVA, Joaquim José. Extrato da viagem, que fez ao Sertão de Benguella no anno de 1785 (cont.). **O Patriota : jornal litterario, politico, mercantil**, v. 1, n. 2, fev. Rio de Janeiro : Impressão Régia. 1813. Disponível em : <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/038821-02#page/85/mode/1up>. Acesso em 2 fev. 2015.

SILVA, Manuel Galvão. **Observações sobre a história natural de Goa, feitas no ano de 1784 / Manuel Galvão da Silva**; ed. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Nova Goa : Imp. Nacional. 1862. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=g6c5AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 29 jan. 2015.

SILVA, Manuel Galvão. (1954). Diário ou relação das viagens filosóficas nas terras da jurisdição de Tete e algumas dos Maraves no ano de 1788. Em: **Anais : estudos de história da Geografia da Expansão Portuguesa**. - Vol. IX, tomo 1. p.311-320

SIMON, William J. **Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808)**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983.

VANDELLI, Domingos. **Dissertatio de Arbore Draconis, seu Dracaena. Accedunt: Dissertatio de Studio Historiae Naturalis Necessario in Medicina, Oeconomia, Agricultura, Artibus, & Commercio; et Conspectus musei Dominici Vandelli**. Olisipo : apud Antonium Rodericium Galliardum, 1768.

VANDELLI, Domingos **Diccionario dos termos technicos de História Natural**. Coimbra : na Real Officina da Universidade, 1788.